



Jardim Atlântico

Jardim Atlântico

Débora Mazloum
Hugo Rodrigues Cunha
Isaura Pena
Júnia Penna
Nena Balthar
Rita Castro Neves e Daniel Moreira
Susana Anágua
Vanda Madureira

Curadoria

António Olaio e Malu Fatorelli

Paço Imperial - Rio de Janeiro
setembro de 2018

Colégio das Artes das Universidade de Coimbra
setembro de 2017



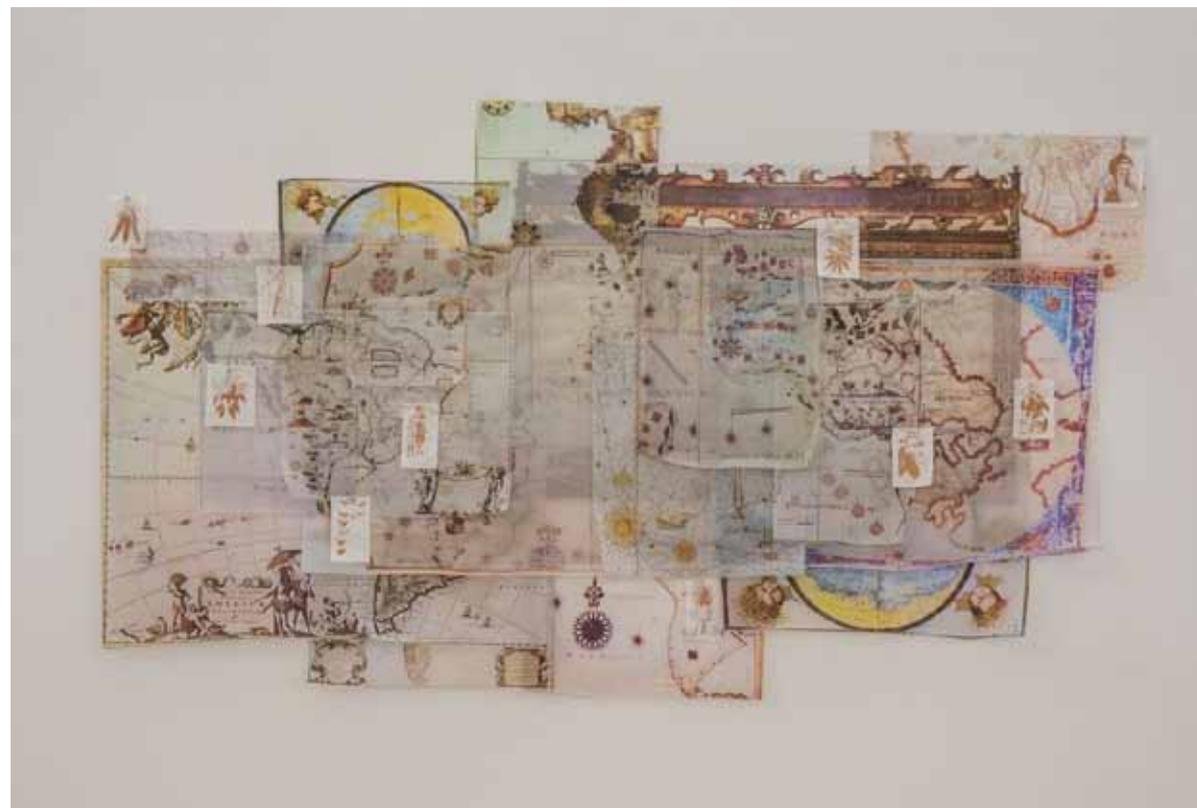
Débora Mazloum



Jardim de Aclimação XXI, 2015/2018
instalação, materiais diversos,
360 x 90 x 80 cm. Paço Imperial.



“O trabalho Jardim de Aclimação XXI foi realizado a partir de uma imersão na biblioteca do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e com essa pesquisa histórica pude estabelecer a relação do Jardim Botânico com um Gabinete de Curiosidades. Os objetos dispostos na mesa pretendem criar uma tensão com a história linear, fundada sob um ponto de vista eurocêntrico. Assim, uma natureza híbrida ficcional busca construir um espaço heterotópico de plantas irrealis e tempos sobrepostos.”



Jardins Migratórios, 2017
Impressão em papel vegetal, fio,
pregos de cobre, ilustrações botânicas,
190 x 120 cm. Colégio das Artes.

Isaura Pena



“Árvores, seres em pé,
exibem verticalidades em prontidão.”

Geografia de casca, 2018
nanquim s/ papel,
cinco partes, 200 x 150 cm (cada)
Paço Imperial.





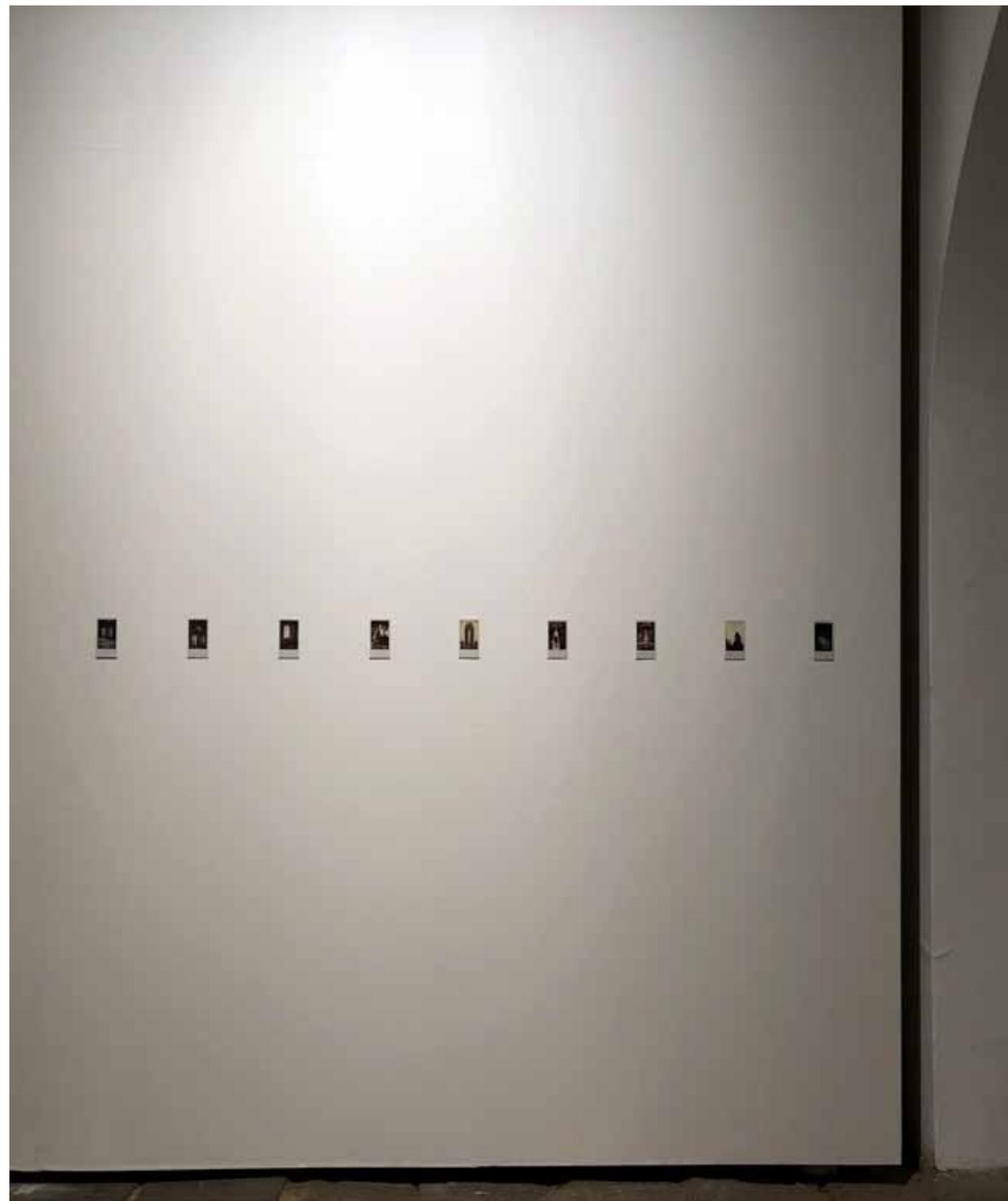
Pequeno Bosque, 2017
Vasos cerâmicos, 300x150 cm (cada). Colégio das Artes.



Hugo Rodrigues Cunha



Ali onde ninguém espia, 2018
nove fotografias "Polaroid originals"
600 Film, 10,7x 8,8 cm (cada).
Paço Imperial.





“A natureza de um Jardim Botânico parece denotar um sítio de liberdade. Na verdade, e para além da nossa liberdade individual, todas as outras estão muito condicionadas.

A fotografia Polaroid nos dá uma imagem única não manipulável, mas nem isso é real.

Ali onde ninguém espia é um verso da canção Massarandupió, de Chico Buarque (álbum Caravanas).

O trabalho foi feito no Jardim Botânico de Coimbra.”

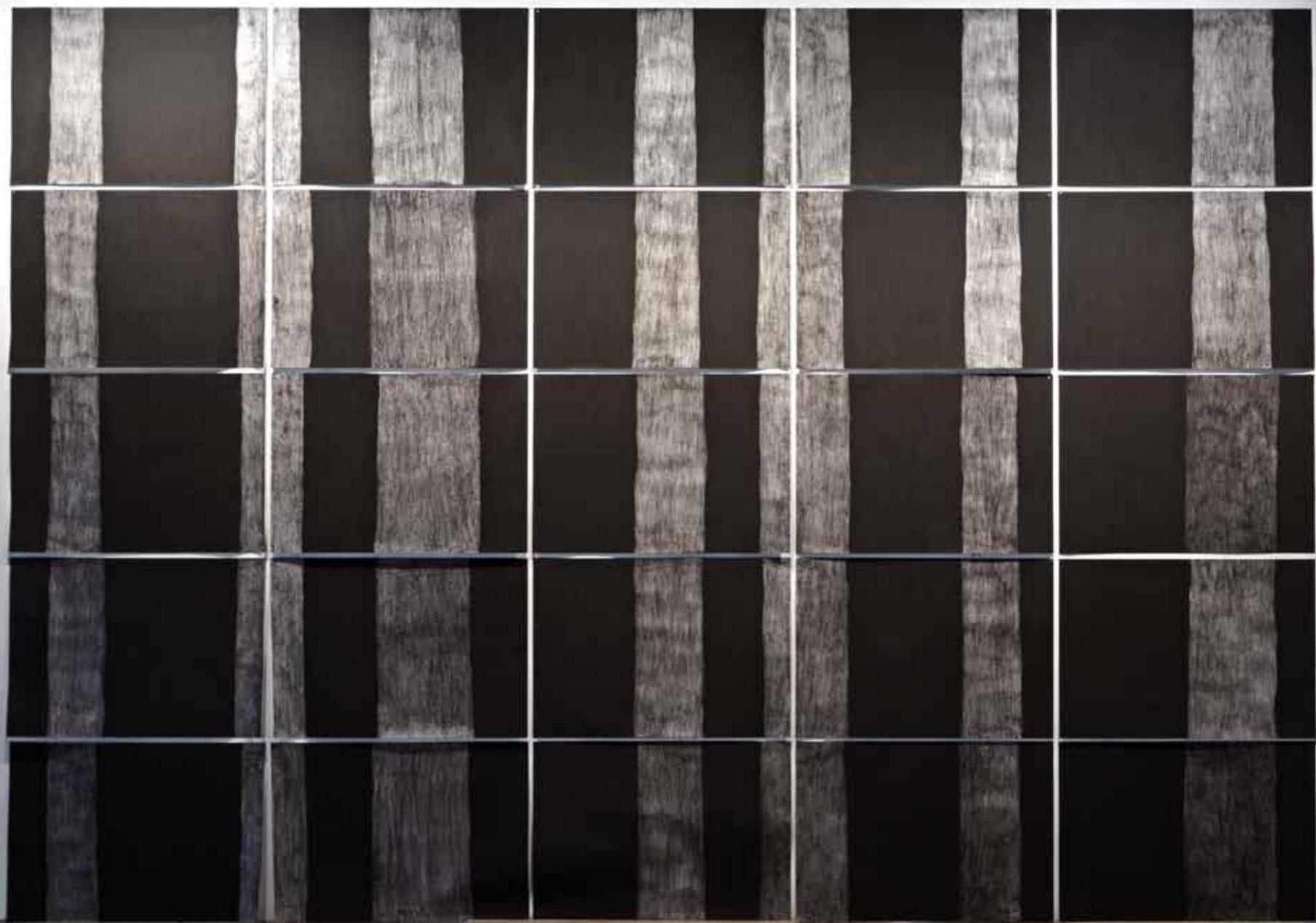


O encantamento de Einstein, 2017

Caixa de madeira, fotografia (impressão de sais de prata),
papel aranha, cordel, corda de violino, pelo de crina de cavalo, papel
sulfite, papel de desenho, poesia (Manuel António Pina), 32x25 cm (caixa).
Colégio das Artes.



Júnia Penna



Noite, 2018 (detalhe)
grafite e pastel seco s/ papel, 3.50 x 5.0 m.
Paço Imperial.

“Noite reverbera a atitude de serrar árvores. Cortar e reordenar as partes são gestos presentes na configuração do trabalho. O procedimento que deu origem ao desenho surgiu do contato com os processos de manutenção do Jardim Botânico do Rio de Janeiro que me permitiu acompanhar desde pequenas podas até o corte de uma enorme Árvore de Contas.”

Aleia Real, 2017
Grafite s/ papel japonês (600 x 100 cm cada)
Grafite e pastel seco s/ papel (96 x 66 cm cada).
Colégio das Artes.



Nena Balthar





“A experiência de mergulho no Jardim Botânico do Rio de Janeiro evidenciou a potência vertical de suas árvores e bambuzais e conduziu o olhar rumo ao céu. Desejo de emergir da floresta e alcançar nuvens? Ou desejo de queda ao inverso? Sua vertigem. Desenho e vídeo são dispositivos que transformam o sentido de céu e terra, chão e copa das árvores, ao tratar a paisagem como uma experiência de espaçamento e intervalo.”

Vertigem, 2015
desenho e vídeo,
pó de grafite sobre papel Canson e papel vegetal,
vídeo, fio de aço, 500 x 150m x 50 cm.
Paço Imperial e Colégio da Artes.

Rita Castro Neves
e Daniel Moreira



"Partindo da preexistência dos jardins botânicos de Coimbra e do Rio de Janeiro, as fotografias em preto branco mapeiam espaços, organizações, espécies e detalhes; sublinhadas e abertas pelos desenhos monocromáticos, em um movimento em aproximação às práticas oitocentistas mais eruditas de tipo enciclopedista, mas também às mais privadas dos herbários caseiros e da observação natural da ilustração protocientífica ou mesmo dos primeiros fotogramas dos inícios da fotografia, de Henry Fox Talbot."

"Alfabeto do fogo é um vídeo realizado com 30 fotografias em médio formato em preto e branco. A encenação proposta nesta animação propõe uma linguagem nova – visual e sonora – a partir de dois paus queimados de uma árvore que outrora pertencia a uma floresta portuguesa, queimada nos grandes incêndios de 2017. Uma escrita de carvão para entender paisagens em mutação destrutiva."

Som de Gustavo Costa feito com paus queimados
Agradecimento especial a Gustavo Costa / Sonoscopia

Jardins Botânicos, Coimbra e Rio de Janeiro (estudo 02), 2015/2018
36 elementos em papel grafite e acrílico s/ papel e impressão fotográfica s/ papel de algodão, 29,7 x 21 cm

Alfabeto do fogo, 2018. Vídeo, 3'20" em loop.
Paço Imperial.





Jardins Botânicos, Coimbra e Rio de Janeiro (estudo 02), 2017
Madeira, vidro, 30 elementos em papel 29,7x21cm (grafite e acrílico s/ papel e impressão fotográfica s/ papel de algodão), 3 elementos, 100x235x35cm (cada).
Colégio das Artes.

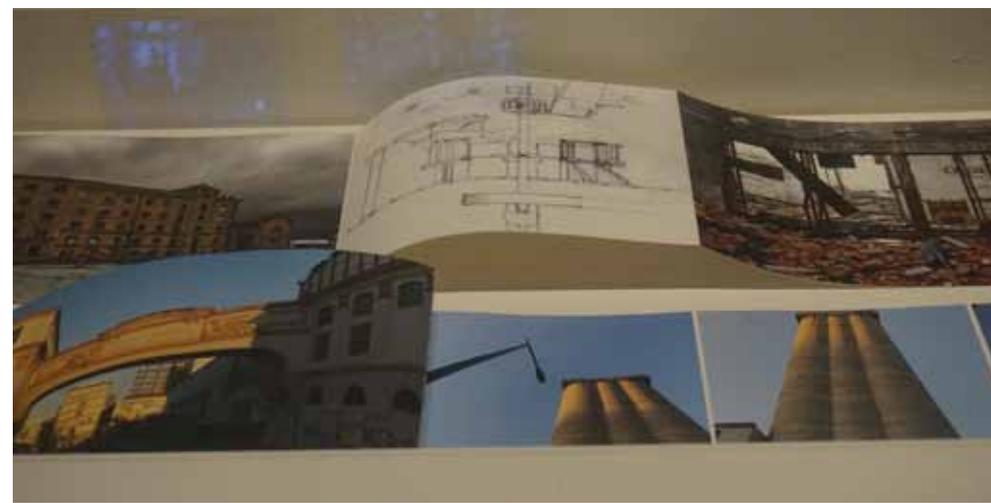


Jardins Botânicos, Coimbra e Rio de Janeiro (estudo 01), 2017
Madeira e elementos naturais (instalação)
5 elementos, dimensão variável.
Colégio das Artes.

Susana Anágua



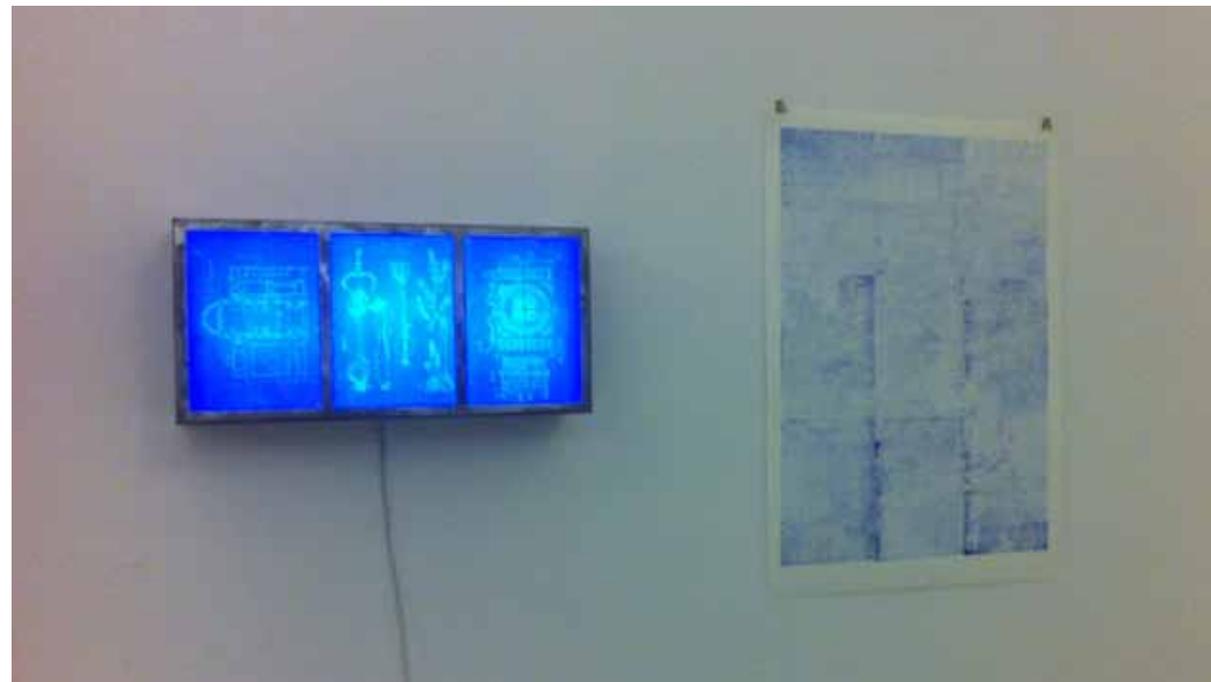
"Duas fábricas em estados de reconversão diferentes, duas caixas-arquivo dessas fábricas propõem uma viagem do passado, entre atlânticos, para o presente. A relação do Jardim Botânico, do Moinho Fluminense e dos Moinhos de Santa Iria, em Portugal, faz-se pela memória de um povo: Da minha língua vê-se o mar.



Vestígios, 2018/2018
fotografias, impressão papel fine art, dimensões variáveis (painel)

Moinhos de Santa Iria, 2012/18
caixa-arquivo, 36 x 26 x 20 cm,
documentação variada: 8 fotografias de 32 x 22 cm, 1 livro gravura e documento histórico

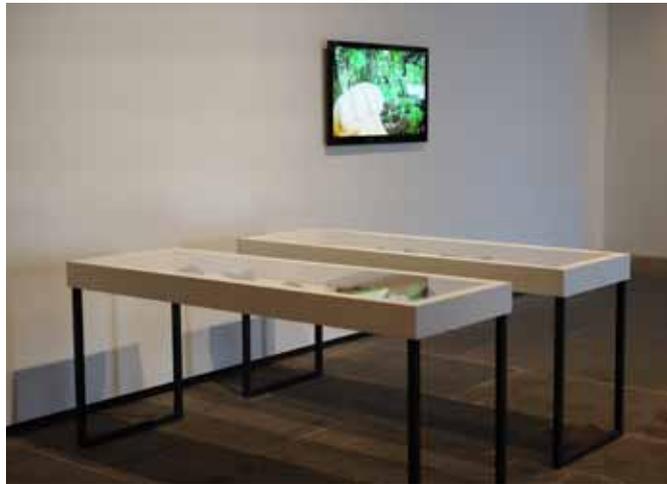
Moinho Fluminense, 2018
caixa-arquivo, 36 x 26 x 20 cm
documentação variada: 8 fotografias de 32 x 22 cm e desenho Paço Imperial.



"... E a matéria se veja acabar: adeus composição ..." 2017
Decalque de papel carbono azul, 100x70 cm

Atlas # 3 (Plantas), 2017.
Caixa de luz em metal com desenho em papel carbono azul,
60x30x20 cm. Colégio das Artes.

Vanda Madureira



"Vulvocalamus Bambusoides foi feito baseado em um levantamento das árvores com fissuras na mata do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra. Recolhi casca de bambu e com ela fiz uma pasta à qual juntei pó de lápis. Com essa pasta tapei as fissuras das 19 árvores. Ao fim de um mês a pasta retraiu e retirei o molde das fissuras: as vulvórvores."

"O vídeo é filmado na estufa fria e na mata do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra. A Ninfa da Botânica sai da sua sombra e percorre a mata, em especial o bambuzal."



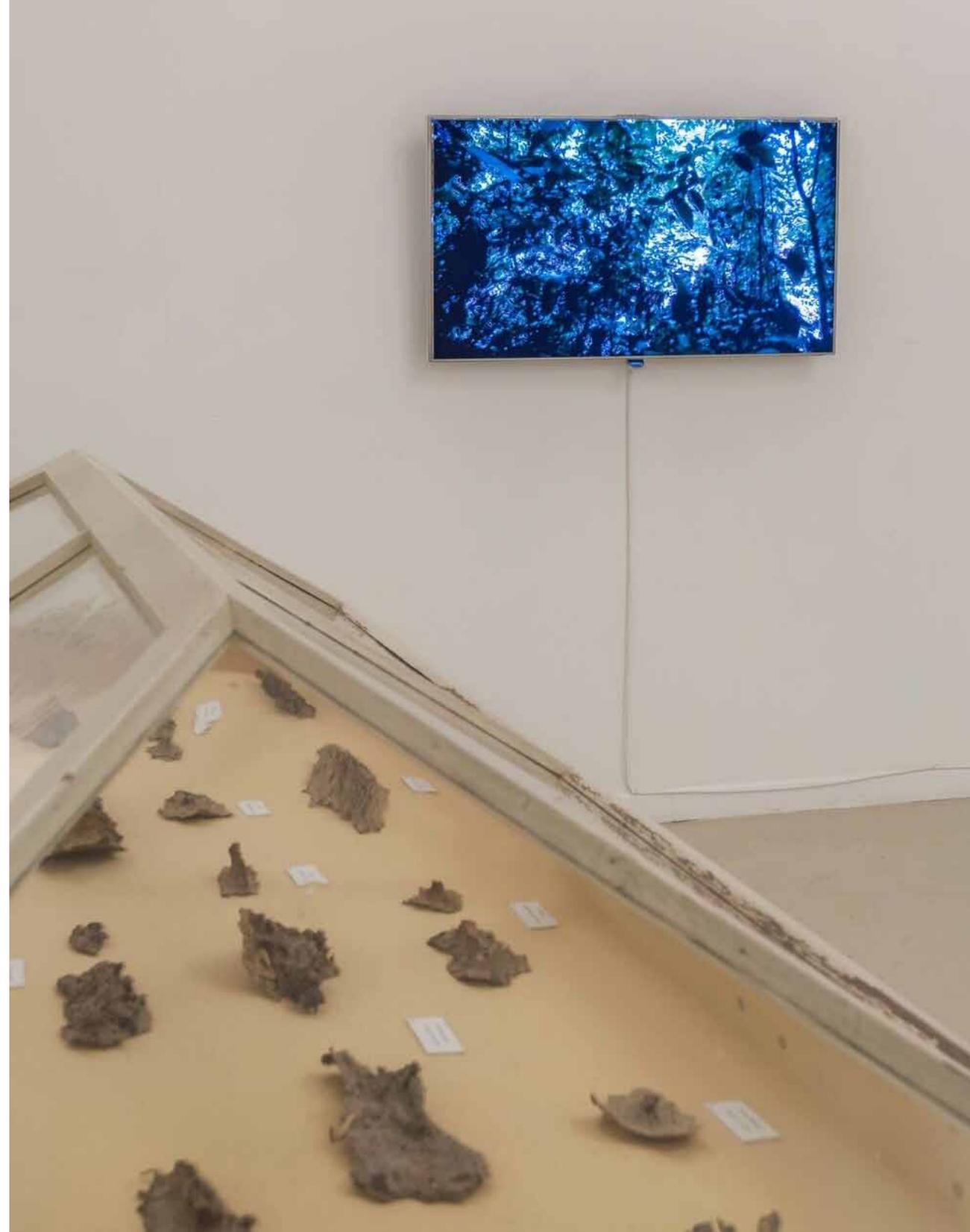
Vulvocalamus Bambusoides, 2017
Pasta de casca de bambu e pó de lápis,
dimensões variáveis.

Vulvocalamus Bambusoides, 2017
vídeo, cor, som, 10'30"
Paço Imperial



Vulvocalamus Bambusoides, 2017
Pasta de casca de bambu e pó de lápis ,
dimensões variáveis.

Vulvocalamus Bambusoides, 2017
vídeo, cor, som, 10'30"
Colégio das Artes.





Colégio das Artes da Universidade de Coimbra

UM JARDIM NO ATLÂNTICO

Se imaginarmos a possibilidade de um jardim no Atlântico, imaginá-lo-emos à superfície do oceano, ou no fundo?

Se o imaginarmos à superfície, será certamente um lindo jardim como é suposto que sejam os jardins, condição necessária para que sejam jardins. E, estando à superfície, será certamente aqui visível essa beleza que um jardim tem de ter para que o seja.

Se o imaginarmos no fundo, sendo ainda jardim, será na invisibilidade que cumprirá a sua condição de jardim, bastando o sabermos jardim para que o seja.

Quando, num Jardim Atlântico, se trata de arte e de arte feita em Portugal e de arte feita no Brasil, num oceano como o que nos liga e, ao mesmo tempo, nos separa, falamos sobretudo do espaço de uma relação que este Atlântico pode materializar. De facto, em arte interessará menos cada coisa do que as relações que as coisas estabelecem. É nessas relações que encontramos o que ainda não tem nome e que provavelmente nunca irá ter, se nunca precisar de ter, mantendo essa relação no campo de possibilidades que se abrem que, provavelmente será aquilo a que chamamos arte, ou a experiência estética que a arte produz.

Nesta exposição temos arte de brasileiros feita no Brasil, arte de portugueses feita em Portugal, e também arte de brasileiros feita em Portugal e arte de portugueses feita no Brasil. De facto, esta relação vai para além da condição geográfica e, provavelmente, da condição identitária. Tendo a possibilidade de um Jardim Atlântico como ponto de partida para esta exposição e tratando-se de arte, é como se tentássemos dissolver água em água. Como toda a gente, os artistas sabem como se faz.

António Olaio
Coimbra, Portugal

JARDIM ATLÂNTICO

A exposição – Jardim Atlântico - cursou travessias oceânicas e agora, instalada no edifício histórico do Paço Imperial no Rio de Janeiro, completa um ciclo de viagens e descobertas.

História e memória aparecem nos elementos arquitetônicos na entrada do Paço Imperial, como a pedra lioz vinda como lastro das caravelas portuguesas. Nosso lastro, agora cultural, desenha novas rotas multidimensionais que surgem de experiências de troca e colaboração entre pesquisas artísticas contemporâneas. Esses trajetos particulares orientados por processos artísticos foram determinantes para a travessia oceânica. Assim também a curadoria não parte de um lugar pré-determinado, mas, acompanha, segue, viaja junto, participa e sugere ao modo do trabalho nos programas de pós-graduação na universidade.

Muitas línguas, diferentes regiões, países e continentes configuram as margens atlânticas. O oceano, potência de desterritorialização, oferece uma experiência particular para os artistas que trabalham conceitos e processos que articulam linguagens confrontadas com a imensidão.

Retornamos ao jardim, como nos diz Cauquelin - “o Jardim desenha uma das dobras da memória e ali permanece, ao lado da paisagem, como um modelo de naturalidade”*. Com sua herança inglesa ou francesa, bosque ou mapa, o jardim povoa o imaginário humano. Está para a floresta tropical como um aquário está para o oceano, promove a mistura da natureza exuberante brasileira, com ordens clássicas que, insistentemente, são organizadas em alamedas, cascatas, e chafarizes. O verde extravasa, se multiplica e é sempre contido pelo trabalho incessante de jardineiros e máquinas invisíveis.

Os jardins, suporte das pesquisas artísticas, no Rio de Janeiro e em Coimbra, permanecem ordenados e tranquilos. Serenos como o oceano às vésperas de uma tempestade.

Malu Fatorelli
Rio de Janeiro, Brasil



Paço Imperial - Rio de Janeiro

* CAUQUELIN, Anne. A Invenção da Paisagem. São Paulo: Martins Fontes. Pg. 66







Curadoria

Malu Fatorelli e António Olaio

Cooperação

Colégios das Artes da Universidade de Coimbra Programa de Pós-Graduação em Artes
do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Fotografias

Isaura Pena [13]

Hugo Rodrigues Cunha [pág. 16,18,19]

Jorge das Neves [pág. 11, 15, 20, 21, 25, 32, 33, 36, 40, 41]

Lúcia Vignole [pág. 28]

Malu Fatorelli [Capa, pág. 8/9, 10, 12, 14, 17, 29, 34, 35, 37, 39, 42, 45, 50, 51]

Rita de Castro Neves [pág. 4, 5, 30, 31, 35, 38]

Wilton Montenegro [pág. 22/23, 26/27]

Design Gráfico

Júnia Penna

Agradecimentos

Adeilma Casado

Amanda Campos

Cláudia Saldanha

Equipe do Paço Imperial

Joniel Cavalcanti

Luiz Bebert

Monique Durand

Roberto Fatorelli Carneiro

Agradecimentos Especiais

Instituto Antonio Carlos Jobim

Georgina Staneck

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

J37 Jardim Atlântico [Recurso eletrônico] / curadoria [e textos]
António Olaio e Malu Fatorelli. – Rio de Janeiro: [Júnia
Penna], 2018.
[52] p.: il.

ISBN 978-85-915933-1-6 : [versão eletrônica]
Exposição realizada no Colégio das Artes da Universidade
de Coimbra, setembro de 2017 e no Paço Imperial – Rio de
Janeiro, setembro de 2018.

1. Arte moderna – Séc. XXI - Exposições. 2. Natureza na
arte - Exposições. 3. Arte moderna – Brasil - Exposições. 4.
Arte moderna – Portugal – Exposições. I. Olaio, António,
1963-. II. Fatorelli, Malu, 1956-. III. Penna, Júnia.

CDU 7.036"20"

Bibliotecárias: Eliane de Almeida Prata. CRB-7 4578 e Mirna Lindenbaum. CRB-7 4916.

Apoio



COLÉGIO DAS ARTES
UNIVERSIDADE DE COIMBRA



Realização

Paço IMPERIAL



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO
FEDERAL

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-915933-1-6



9 788591 593316